

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 11 de janeiro de 1903

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

Red. e offic.: Typographia Barcellense



CONVENTO DE VILLAR

A nossa photogravura — devida a desenho á penna de um nosso distinctissimo amigo (que é, sem duvida, um dos temperamentos mais acentuadamente artistico da nossa terra) — apresenta a fachada do monasterio de Villar de Frades, monumento nacional.

E' o templo — que se encontra a uma hora de Barcellos — repositorio d'algumas preciosidades das quaes já temos apresentado gravuras.

E' magnifica a sua nave de estylo gothico, os seus azulejos, os seus

chafarizes, a sua cruz parochial, etc., etc.

Falta porém o espaço para nos alargarmos, como era nossa vontade.

THEATRO

Nada menos que tres espectaculos o tres enchentes no nosso theatro, durante a ultima semana.

O primeiro com o beneficio do pianista Arthur Ferreira, que nos deu uma festa distincta.

Agradou muito o conjunto das guitarras e piano. Vimo'-nos, por momentos, transportados ás doces regiões do mais elevado sentimento, aonde só aos artistas nos é dado conduzir.

Impressionou bem o canto do dr. Alvaro de Vasconcellos. As recitações satisfizeram completamente. Foram ditas com uma arte e um «savoir-faire», impossivel de exceder.

O sr. A. Ferreira mostrou-se n'um Herz de cauda o distincto professor d'esse difficil instrumento. Muito bem.

*

O segundo espectaculo tinha um fim benemerito e altruista — era custear as despesas do bôdo dado aos pobres pela Associação dos Bombeiros.

Foi á scena o «Processo do Rasga», uma serie de disparates com linda e alegre musica, já conhecido do nosso publico.

Nossa apreciação do desempenho: (com 10 valores — Alberto Esteves; com 8 — Antonio Araujo, Julio Vallongo, José Terroso, A. Soucasaux, José Caravana e Mario Lima; com 5 — Arthur Vieira, Souza Martins, Antonio Azevedo, Herculano Nunes, Fernando Marinho e Alvaro Costa; com 3 — Virgilio Esteves, Francisco e A. Araujo (filhos), Eugenio Azevedo, Ferreira Valle e Francisco Pereira.

Os srs. José Terroso e Arthur Vieira, disse-

A LAGRIMA

ram respectivamente um monologo e uma cançoneta, e o sr. A. Soucaaux fez a scena comica o «Empregado publico» da Revista. Todos receberam applausos.

O sr. Antonio Albino Marques d'Azevedo que já se tinha distinguido como ensaiador do «Processo do Rasga», missão que desempenhou com um cuidado e intelligencia verdadeiramente inexcusaveis, recitou tambem duas poesias com um tão elevado sentimento artistico que doixou a platela completamente satisfeita, recebendo calorosos elogios de muitos dos seus amigos.

O guarda-roupa era o mais luxuoso possivel, sendo, por este motivo, dignos de todo o applauso os promotores do spectaculo e o encarregado da «mise-en-scène».

O sr. padre Augusto Cunha, auxiliado pelo seu amigo João Baptista, caracterizou com uma tal pericia os interpretes do «Processo do Rasga», que alguns que faziam papeis femininos, pareciam umas verdadeiras meninas elegantes, d'essas quo nós por ali vemos a «florar» aos domingos, no fim da missa das onze, acompanhadas pelas respectivas inamãs o seguidas de longe pelos espertos namorados.

No fim do spectaculo foram chamados á scena o ensaiador sr. Antonio de Azevedo, o ponto sr. Joaquim Antonio Pereira e o sr. Padre Augusto Cunha, caracterisador.

Grande e horrivel crime

Os dois irmãos *Machados* ambos elles boas pessoas, mas que se não apertam muito em amizade fraterna, vivem em separado e do seu trabalho. Um, o mestre carpinteiro, possuía um gato de linda pinta que pelos seus meigos *renhaunhans* e ternas marradinhas, depois da barriguinha cheia, fazia todo o enlevo de seu dono; o outro, o proprietario de uma venda, tem horror aos gatos que lhe vão ao estabelecimento roubar o bacalhau demolhado, lhe papam os bolinhos e lhe lambem a aletria.

O gato do carpinteiro era freguez certo sem jamais pedir conta da despeza: um dia, o vendeiro, farto de concorrer para o sustento do medio gato, que apreciava mais os petiscos da sua casa do que ratos, resolveu mata-lo.

Pensou maduramente no caso e attendendo a que o gato era do irmão com quem se não dava, susteve suas fúrias felicitas, já resolvido a sustentar gratuitamente o bichano. Passaram-se dias e mezes e o gato lambareiro lá ia fazer as suas refeições diarias.

Um d'estes dias, o gato desapareceu de casa de seu dono, que, farto de o procurar, sentiu bater no coração, como duas fortes pancadas dadas pelo badalo do sino grande do Senhor da Cruz, a terrivel suspeita de que o irmão lh'o tivesse matado.

Depois de longas pesquisas o gato foi encontrado pelo seu dono, na sua casa, mas já cadaver. Depois da scena de lagrimas o sr. Machado, suspeitando do irmão tirou-lhe as devidas satisfações.

O Machado vendeiro jurou que mal algum havia feito ao gato e para se chegar á verdade foi indispensavel a

Autopsia

para a qual foram chamados o Valentim ferrador e seu irmão Izidro, capador de fama, os quaes acceitaram o encargo.

Chega los os dois peritos, procedeu-se ao exame, abrindo questão o Valentim que queria o gato rapado á navalha; o irmão preferia chamuscá-lo. Depois de larga discussão foi deliberado esfolar o gato seguindo-se-lhe os diversos cortes de mo lo a patentear as visceras. Não ha hemorragia cerebral, logo, gritou o Izidro, não houve congestão: não tem a bocca aberta nem a lingua de fora, pois, concluiu o Valentim, não houve estrangulamento. Procedeu-se ao corte do craneo e extraiu-se toda a massa encephalica: as *olivas* e fita de *Roil* intactas, bem como os lobulos cerebraes: no *lagar* de *Herofilo* tudo no seu logar; a *céla turca*, o *estribo*, *martello* e *bigorna* do ouvido interno, tudo completo; a *lamina crivada*, perfetissima!

Não ha indicios, gritou o Izidro! Cá está, cá está um signal importante, exclamou victorioso o Valentim: vês estas *ordas* boccaes entumecidas? E' um signal frisante e inconfundivel de que o gato antes de morrer miou desesperadamente! Coitadinho! exclamou doloridamente o sr. Machado, carpinteiro. O Izidro, querendo mostrar a sua sciencia, estacou, fixando demoradamente o buraco occipital e depois, solemnemente como homem de sciencia, disse: eis um buraco redondo que nos dá toda a força para podermos afirmar que aqui an lou *moca* e *mocada* valente!

Mas quem se lembraria da *moca* para o pobre bichano, disse o sr. Machado?

E' de prever, continuou o Izidro, que o assassino d'este animal foi ao theatro e á força de ouvir *moca*, *moca*, *moca* pr'a frente, fosse levado a praticar o crime. A *moca* fez o *buraco occipital*, percorrendo depois o *atlas* deixando-lhe o *dente* intacto, desceu depois os *intercostaes* e lançou-se de chofre, depois de tomar um *calice de rhin* e admirar as *pyramides de malpighi*, n'aquelle buraco (levantando o rabo do gato) que ali está por baixo do osso sagrado! Muito bem disseram os assistentes. O Valentim, despeitado pela maior sciencia do irmão, queria dar-lhe com o gato esfolado na cara, mas os circunstantes pozeram ponto na questão, concordando-se que o gato passou

A LAGRIMA

d'esta para melhor á mocada, e que portanto houve crime com todas as circumstancias agravantes.

Falta só descobrir o verdadeiro criminoso para quem toda a justiça é pouca para tão horrendo crime.

CONFIANÇA

Eu dizer-te adeus?! Nunca.

Tu bem sabes
Quanto é triste viver sem uma esperança
Que nos acene ao longe uma ventura!
Bem me basta, p'ra minha desventura
Ver desfeito o meu sonho de creança!...

Mas que queres! o amor foi sempre assim...
Idealisa castellos d'alegria
Onde repousa a fala preferida;
E a alma, toda amor, toda harmonia,
Emballa se em canções enternecida!..

E' caprichoso, instavel e sublimel
Nasce á luz d'um olhar que nos affaga,
Cresce ao calor de meiga confiança,
E, sempre n'esta fé que nada apaga,
Gera uma flor, chamada—a Esperança!..

Alguma vez—nem sempre—o vendaval
Tizna-lhe a côr, fanando-lhe a existencia,
E, tombando na haste emmurchecida,
Semelha mutilada cruz cahida
Ao vanalico sopro de inclemencia!

São assim as chimeras d'um amor...
Bragados de violetas que murcharam,
Ruínas que tristemente visitamos
No lethal cemitério dos que amamos
E que mais de mil prantos nos custaram!..

Eu, dizer-te adeus?! Nunca.

Até á vista...
Por enquanto, 'inda brilha deslumbrante
Essa formosa flor que adorna a vida,
Não a cortes—mulher apeteçida!
Deixa-a florir n'um coração amante!..

Barcellos, 7—1—903. Arnaldo Braz.

O nosso illustrado patricio conego Antonio José da Silva Corroia Simões, offercean-nos o «Relatorio referente ao anno escolar de 1901 e 1902 e discurso proferido na sessão solemne da abertura das aulas do anno lectivo de 1902 e 1903», dos quaes fallaremos no proximo numero.

Agradecemos, desde já, a offerta.

ADAGIOS

«Quem teimar ha-de vencer».
E eu teimo em te perseguir
Pr'á minh'alma te prender,
Sem o poder conseguir.

«Amor com amor se paga»,
Se o adagio é um preceito,
Com amor o amor paga
Que por ti sinto no peito.

«A quem muda ajuda Deus».
P'ra longe, p'ra te não vêr,
Mudei-me e os olhos teus
Não me ajudou a esquecer:

«Cartas são papeis», mentiral!
As que te mando, vaidosa,
São os ais! de quem suspira
Por te não ter por esposa.

«Quem desdenha quer comprar»
E tu desdenhaste, flôr.
Mas, do desdem apezar,
Não quizeste o meu amôr...

«Quem espera desespera»
«Quem espera sempre alcança»
Desespera, mas espera,
Minh'alma, vive d'esperança.

Barcellos

Arthur Vieira.

HORAS VAGAS

À letra ■

Ligada ao bello, temel-o na cabeça.
Pondo-se junto do pote, dará um agasalho
para esta epocha.

Pronunciando-se com fé, teremos uma agra-
davel bebida.

Em frente do lado, não dirá cousa alguma.
Junto de uma neta, haverá com que es-
crever.

Se a pozermos junto do Marão, dá-nos um
saboroso crustaceo.

Ao lado de alguma vaca, dará uma cousa
doce.

Se a ligarmos á fita de nastro dá-nos uma
mulher desageitada.

Antes de mais nada, poderá valer 4 quarti-
lhos.

Colloque-se deante d'um Brito, e começa
logo a fazer mé.

Se estiver antes de bulla, é um estudante
pouco applicado.

A LAGRIMA

Se for antes de *pello*, dará, pelo contrario, a mais alta distincção academica.

Vista-se-lhe uma *murça*, e ficará cousa macia e delicada.

Cubram-a de *poeira*, e poderá servir para guardar aves domesticas.

Perto do *chão* principiará a ferver.

Ao pé de *Loza* serve para nos conduzir.

Antes de *terra* dá um homem teimoso.

Se apparecer na *liça* vem de parede velha.

Encoste-se a qualquer *lote*, e servirá para não pagar dividas.

Mudando-lhe a *côr* em *louro* teremos o estudante novato.

Unida ás *syllabas sete* é uma arma terrivel.

Perto d'um *sino* dará uma casa de diversões.

Para ganhar uma eleição não ha nela melhor do que juntar-a a uma *bala*.

Emparelhando-a com um *mello* apparece um animal africano.

Se estiver junto d'um *vallo* resulta um util animal.

Se a pozermos antes de *má* é uma cousa de que todos gostamos, e se for depois serve para levar doentes.

Antes de *valete* dá o nome d'um objeto preciso a muita gente.

Estando perto de *gado* vem uma especie de tartaruga.

Offerecci-lhe uma *pella*, e tereis um edificio religioso.

Se estiver junto d'uma innocente *rola* vem pessoa de quem devemos desconfiar. E etc.

Pelo barcellinense Manoel Joaquim da Silva Ferreira, foi feito no testamento, como se passa a transcrever:

Eu João Chyso, maior, residente na freguezia de Gilmonde, achando-me em meu perfeito juizo e no gozo de todas as minhas faculdades intellectuales, resolvo fazer o meu testamento na forma do art.º 65, § 1.º, do Código do Manoel da Barca, pela fórma seguinte:

Declaro que sou solteiro, peço da Roda de Barqueiros, d'onde sahi orplão, para ser criado como fui por minha mãe adoptiva Leopollina da Encarnação, que então morava na rua da Estrada, de Barcellos—fallendo mais tarde na guerra do Côreço do Porto com o posto de porta machado.

E como não tenho pae nem mãe, filhos femininos ou filhas masculinas, ou d'outra qualquer especie, taes como indulternos, etc., passo a dispor da minha herança:

Deixo ao meu amigo João Chrysostomo, o carro, jugo, taboaltes, fumenta e corda, com que tenho conduzido o carrão n Barcellos, impondo-lhe a obrigação de na proxima feira de Villa Nova, se bater em automovel com o garrano

mais fugidor, e caso obtenha algum premio pecuniario, o dividir entre os seus vizinhos José Gonçalves dos Santos e o «Misembilha», moradores na rua das Leões, em partes eguaes.

Deixo o meu figle que em tempo toquei na musica Agua d'Unto, ao meu compadre Bento Roda (musico reformado da antiga Banda Barcellesa, pela qual foi sempre dedicado e fiel camarada) para o tocar na banda dos Voluntarios, para onde foi nomeado contra-mestre, visto haver virado a casaca.

Deixo 6 obrigações da Companhia do Gaz de Espozende, do valor de 1.000:000 reis cada una, ao meu velho amigo Fernando Mosca d'Andrade, com obrigação de fazer edificar o meu jazigo no quintal das Obras, para assim ficar embelezado aquelle sitio.

Deixo 8 ações da Companhia das Aguas—Penedos do Eaxofre—ao morgado Senhor de Maranhão, com obrigação de alimentar, vestir e calçar, etc., o menino Zezinho da Cirurgiã, tratando da sua educação, mas se o mesmo menino não quizer estar em sua companhia, interal-o-ha para frequentar preparatorios no afamado collegio — Thereza Pires — ao largo do Apoio, e findos que estes sejam, seguirá a formatura em mathematica, para o que lhe é conhecida a decidida vocação, e, caso não possa conseguir essa formatura, desejo que seja despedido conductor de malas para qualquer ponto d'este concelho.

Deixo a receita para fazer a tizana que mata a solitaria (unica por estas 40 leguas em rodôr) ao meu amigo Souza das Machinas, com obrigação de a applicar aos musicos da sua affeição, pois que pela opinião do Izidro todos estão affetadas d'essa bixa.

Finalmente deixo o remanescente da minha herança com obrigação de fazer o meu enterro, ao meu compadre Antonio Trinta Reis, com obrigação de dar ao meu compadre Domingos Pataco 10:000 reis annoaes, e desejo que conduzam o meu caixão os srs. Mineiro, Pedro das Folhas, Rente e Paes de Earia, que receberá cada um 5:000 reis. E por esta fórma fiz o meu testamento.

João Chyso.

(Segue-se a approvação)

Dizem-nos de Barcellinhos que a Anna da Capella tem uma filha que—por não estar habituada a comer porco—estranhou ha dias que se lhe deparasse um pedaço de «xixa» d'esse animal no caldo.

Começou a derriçar n'elle e o raio da carne parecia do borracha; esticava que tinha diabo.

O' filha, diz-lhe a auctora de seus dias, isso é um rato, que por infelicidade caiu no pueiro.